

BAÚ: <i>Textos</i>
EMITENTE: <i>Paulo Coelho</i>
ASSUNTO: <i>Seminário de Dramaturgia</i>
DATA: <i>02/02/1970</i>

É de repente a gente olha para aqueles gastos livros de História e fica pensando o que se esconde entre as linhas, porque tanta gente virou efígie de dinheiro e de outros nem se ouviu mais falar.

João Cândido era apenas um cabo, era um homem como todos os homens de seu tempo, mas um belo dia se viu cercado, tinha que parar aquilo tudo, como Antônio Conselheiro pensou também antes do Massacre de Canudos, como deve ter pensado o governador do Ceará no momento em que os jagunços do Padre Cícero se aproximavam de seu palácio para queimá-lo vivo.

É no momento em que estes homens começaram a pensar um passado todo se transformou, e era como se a história fôsse um rio correndo em direção ao mar. É a revolta de Chibata explode como um π dos milhares de obstáculos vencidos, passados... e esquecidos.

Mas um dia a gente sente a história verdadeira aflorar, a história dos mártires desconhecidos, da crueldade em nome da justiça, dos movimentos esporádicos que pediam um minuto, um minuto de eternidade. Então a gente tenta, na linguagem mais humana possível, meter o dedo nas feridas cicatrizadas prematuramente, e contar o que aconteceu a muito tempo, e recompor as peças daquele exato instante de jogo, quando ninguém apostava porque a derrota era a única jogada.

João Cândido perdeu, ganhou, jogou, escapou de morrer fuzilado para vender peixe na praça Quinze. É meu avô quando me contava histórias bonitas se esquecia desta, talvez por ter durado apenas 3 dias, talvez por achar igual a milhares de outras.

Até que um dia - não foi, João Cândido? - a gente se encontrou no Entrepasto de Pesca.

PAULO COELHO DE SOUZA

OPINIAO 70

SEMINÁRIO DE DRAMATURGIA